

## O canto do brincar - um dispositivo de intervenção psicanalítica na cidade do Recife - PE

Mariana Bentzen Aguiar<sup>1</sup>  
Tamara Táxima do Nascimento  
Camila Conceição Soares Pontes de Lucena  
Joana Carolina Lopes Accioly Lins  
Lucas José dos Santos Ramos



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

 <https://doi.org/10.32459/2447-8717e307>

**Recebido:** 17-04-2024 | **Aprovado:** 29-04-2024 | **Publicado:** 05-03-2024

**Resumo:** O Canto do Brincar é um dispositivo de base psicanalítica criado em um serviço público na cidade de Recife, Pernambuco, inspirado na *Maison-Verte* de Françoise Dolto. O objetivo geral deste artigo é documentar o nascimento e a consolidação deste espaço e, portanto, realizar uma caracterização dele, explicitando os eixos interventivos que orientam a relação transferencial dos técnicos que atuam lá com as crianças e os cuidadores que o frequentam. Assim, a metodologia utilizada foi o relato de experiência, uma vez que todos os autores atuaram no Canto do Brincar. Ao longo do trabalho, discute-se o motivo pelo qual esse espaço foi criado e por que foi caracterizado como um dispositivo. Conclui-se que esse novo tipo de dispositivo traz contribuições não apenas à população – ao confrontar os sujeitos com seus desejos –, mas também como modelo teórico-prático, por possibilitar a visualização de uma clínica psicanalítica ampliada, para além do consultório.

**Palavras-Chave:** Psicanálise. Dispositivo. Intervenção. Brincar. Saúde mental.

---

<sup>1</sup> É doutora (desde 2023) em Psicologia Cognitiva, dentro do campo da Psicologia Cultural, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Fez mestrado (de 2017 a 2019) neste mesmo programa, estudando a temática da autolesão em adolescentes. Possui graduação com láurea universitária em Psicologia pela UFPE.

**Abstract:** The “Canto do Brincar” is a psychoanalytic-based device created in a public service in the city of Recife, Pernambuco, inspired by Françoise Dolto's *Maison-Verte*. The main objective of this article is to characterize this space, as well as the intervention axes that guide the transference relationship between the technicians who work there and the children and caregivers who frequent it. Thus, the methodology used was the narrative of experience, as all the authors worked at the Canto do Brincar. Throughout the paper, the reasons for the creation of the Canto do Brincar and why it was characterized as a device are discussed. It is concluded that this new type of device provides contributions not only to the population — by confronting individuals with their desires— but also as a theoretical model, enabling a broader visualization of an expanded psychoanalytic clinic, beyond the office setting.

**Keywords:** Psychoanalysis. Device. Intervention. To play. Mental health.

Este artigo surge a partir das experiências de estágio de todos os autores e do desejo compartilhado de destacar o Canto do Brincar como um dispositivo de intervenção psicanalítica. Assim, utilizou-se a metodologia do relato de experiência, uma abordagem qualitativa que se concentra na narrativa pessoal e na reflexão sobre vivências práticas em contextos específicos. Ademais, a escolha dessa metodologia se deu pela importância de divulgar – científica e amplamente – o que é o Canto do Brincar e os benefícios que esse novo dispositivo está trazendo tanto para os técnicos que atuavam e atuam ali quanto para a população.

O Canto do Brincar é uma criação inaugurada que teve início em 2016. Esse é o nome que recebe uma sala situada no Centro de Referência para o Cuidado de Crianças e Adolescentes em situação de violência (CERCCA) da cidade do Recife, Pernambuco. O desenvolvimento desta ideia adveio a partir de inquietações da equipe do CERCCA sobre o que mais poderia ser ofertado ao público infantil que busca o serviço. A partir de um estudo da teoria de Françoise Dolto, optou-se por adaptar o que a psicanalista fazia em Paris para o espaço que se tinha neste serviço público, bem como adequá-lo ao que se achava interessante ser trabalhado com as crianças e cuidadores que ali frequentariam. Cabe destacar que não havia nenhum outro serviço como este em Pernambuco até então.

### [Fig. 1]

O espaço físico do Canto do Brincar remonta uma brinquedoteca: uma sala com 4,20 metros por 2,90 metros, repleta de brinquedos (Figura 1). De acordo com o artigo 2º da Lei nº 11.104 de 2005, considera-se brinquedoteca qualquer espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar. Deste modo, seria possível enquadrar o Canto do Brincar enquanto uma brinquedoteca, porém, deliberadamente, optou-se por se distanciar dessa nomenclatura.

Acredita-se que nomear o espaço pelo o que ele contém (brinquedos e jogos), limitá-lo-ia. Além disso, as funções de uma brinquedoteca e do Canto do Brincar não são semelhantes. Primeiramente, serão esmiuçadas as visões implícitas na compreensão de uma brinquedoteca, pois se busca, aqui, produzir um deslize nesses significantes<sup>2</sup> para fazer emergir novos. Isto é, para que surjam novos sentidos, faz-se necessária uma nova palavra. Isso porque as brinquedotecas possuem o intuito de resgatar as atividades lúdico-criativas espontâneas, por entenderem o brincar como uma característica que distingue a espécie humana e, portanto, enquanto uma função constituinte, ou seja, atrelada ao desenvolvimento integral, na medida em que o brincar propicia o desenvolvimento da criatividade, da aprendizagem, da socialização, da construção da afetividade, dentre outras dimensões (Friedmann *et al.*, 1992; Magalhães; Pontes, 2002).

Nessa linha, o movimento iniciado com as brinquedotecas defende o brincar voltado fundamentalmente – e quiçá até unicamente – para fins lúdicos. Isto porque as exigências mercadológicas da industrialização introduzem lógicas voltadas à valorização da escolarização e que inserem as crianças em contextos de atividades cronometradas, com fins claros ou até compreendidas como deveres ou afazeres infantis, inclusive as brincadeiras. As brinquedotecas buscam, então, combater essa visão “adultocêntrica” (Magalhães; Pontes, 2002, p.235) e resgatar o lugar da criança, ao ampliar a visão sobre o desenvolvimento infantil – que deve ser não só voltado à escolarização, mas também integral. Por fim, e não menos importante, as brinquedotecas buscam oportunizar e garantir o acesso das crianças aos brinquedos e jogos (Magalhães; Pontes, 2002), principalmente em contextos em que estariam privadas disto (como, por exemplo, nos hospitais).

Como se viu, a palavra “brinquedoteca” convida a toda uma perspectiva interventiva que não contempla todas as intenções do espaço que se discute neste trabalho. Assim, será utilizado aqui um novo significante: o Canto do Brincar, que se caracteriza como um dispositivo. Explicar-se-á, primeiramente, como as intenções desse espaço vão além das almejadas pelas brinquedotecas para, a seguir, detalhar o que se compreende por um dispositivo e o porquê de intitulá-lo desta maneira.

Como o Canto do Brincar vai além do que intenciona as brinquedotecas? Assim como essas últimas, ele busca defender o acesso das crianças aos brinquedos e ao brincar como uma atividade lúdico-criativa espontânea, vinculada ao desenvolvimento integral e à experiência humana, além de proteger essa prática das amarras “adultocêntricas”. No

---

<sup>2</sup> O significante consiste na “[...] estrutura sincrônica do material da linguagem, na medida em que cada elemento adquire nela seu emprego exato por ser diferente dos outros” (Lacan, 1998a, p. 415).

entanto, esse espaço convida a algo mais. Nele, vislumbra-se a criança não somente enquanto categoria social e sujeito de direitos – e, portanto, com necessidades que precisam ser reconhecidas e respeitadas pelos cuidadores e pela sociedade –, mas também como um sujeito do desejo. Mas o que é isso?

A noção de sujeito do desejo é fabricada pela psicanálise. Freud não chegou a cunhar a noção de sujeito, e este é elevado a uma categoria conceitual somente com Jacques Lacan (Barroso, 2002). Assim, o termo sujeito do desejo é utilizado por Lacan (1992a) para diferenciar o sujeito do inconsciente ( $Je$ )<sup>3</sup> – também nomeado de sujeito do desejo – do eu ( $moi$ )<sup>4</sup> enquanto construção imaginária. Os termos eu ( $moi$ ) e sujeito ( $Je$ ) não coincidem, pois o primeiro é embebido de fantasias imaginárias, herdeiro das projeções dos cuidadores primordiais (Outro) e alienado ao seu desejo. Isto porque, para a psicanálise, o filhote do ser humano somente se subjetiva a partir do investimento libidinal de um outro. Investimento este que vem repleto de ideais dos quais a criança irá se embeber, tomando-os como seus – inclusive construindo seu eu através deles – quando advieram deste Outro primordial, o Outro. Este engano fundamental é chamado de alienação. Essa alienação, contudo, é um movimento lógico necessário para que o filhote do ser humano, “a bolinha de carne” (Lacan, 1998c)c), afaste-se do despedaçamento e constitua um eu unificado. Mesmo que isso seja um grande avanço, este eu ainda está totalmente assujeitado ao desejo deste Outro. Portanto, o desenvolvimento deste eu, até então, está cerceado pelo Outro, que, por sua vez, é vislumbrado pela criança como Onipotente. É necessária uma separação do desejo deste Outro para que este eu se torne um sujeito desejante e o Outro torne-se faltoso, barrado.

Destarte, o sujeito do desejo somente emerge a partir da interdição de um terceiro na relação dual criança-Outro. Isto é o que Lacan nomeará de Função Paterna (Lacan, 1992b;1998d), aquilo que irá resgatar esta criança desta identificação completa, do lugar de objeto fálico imaginário para este Outro, possibilitando-lhe sair do lugar mortífero de objeto. A saída desta posição objetal anterior do eu ( $moi$ ) é o que logicamente se relaciona com a constituição do sujeito desejante ( $Je$ ). A função paterna, portanto, irá produzir um corte nesta simbiose, que gerava sensações de completude e onipotência nos pares, trazendo-os para a condição de castrados. Assim, esta operação irá marcar o lugar do sujeito enquanto faltante. Essa falta constituinte é o que irá mobilizar o desejo.

---

<sup>3</sup> O  $Je$  designa o sujeito do inconsciente e é considerado o pronome que efetivamente expressa a posição do sujeito no campo do desejo. Lacan introduz o  $Je$  como uma forma de representar o sujeito em sua relação com o inconsciente, enfatizando a sua condição de falta e desejo. Diferentemente do  $Moi$ , que se relaciona à construção imaginária e idealizada do eu, o  $Je$  é mais ligado à estrutura psíquica do sujeito (Lacan, 1998a; 1998b).

<sup>4</sup> O  $Moi$ , segundo a perspectiva lacaniana, refere-se a uma função imaginária do eu. Ele é utilizado para designar a construção da imagem idealizada que o sujeito tem de si mesmo (Lacan, 1998a; 1998b).

A psicanálise mostra que, uma vez que o sujeito passa pelo processo de separação – ou seja, pela castração –, ocorre uma ruptura no Eu Ideal, que se transforma no Ideal do Eu. A castração incide justamente aí, sobre essa imagem onipotente, e tem como efeito desaprisionar o neurótico da posição de objeto do desejo do Outro<sup>5</sup>. Com isso, ele é inserido na ordem simbólica – sob os efeitos dos significantes –, tem seu gozo barrado e é privado do objeto, sendo, assim, impossibilitado de uma significação única. Assim, não mais ocupa um lugar fálico, completo, mas sim um lugar faltante e, portanto, desejanste. Só há desejo em face à falta constituinte. Poder-se-ia pensar que a esse sujeito, objetivamente, não lhe falta nada, pois a falta é sentida psiquicamente como se houvesse deixado de ocupar o lugar fálico que outrora, em sua fantasia, achava que tinha. Essa quebra da onipotência deste eu é intitulada por Freud de ferida narcísica. Como forma de proteção, os neuróticos utilizam o recalque como mecanismos de defesa e, com ele – bem como pela marca da alienação no desejo –, há um afastamento do sujeito de seu saber inconsciente. Produz-se a miragem na qual o neurótico passa a se reconhecer somente em seu eu (*moi*), e o sujeito do inconsciente (*Je*) aparece apenas em vislumbres, como efeito.

Ao mirar a criança enquanto não só um sujeito social e de direitos, mas também como um sujeito de desejo, reafirma-se o compromisso ético psicanalítico de “[...] confrontar o sujeito com a sua singularidade e a ‘errância’ do desejo” (Rosa; Rosa, 2009, p. 16). Neste cenário, o brincar torna-se – além de todas as significações e funções supracitadas – também uma expressão da singularidade. A partir do brincar, a criança pode, neste local, elaborar sobre suas experiências e reposicionar-se psiquicamente (Dolto 2002; 2005b; 2012). Contudo, para que isso seja possível, é necessário que esse dispositivo funcione corretamente. Mas o que é um dispositivo? E o que seria funcionar corretamente?

Deleuze (1990), inspirado em Foucault, propõe que dispositivos são sistemas não homogêneos compostos por conjuntos multilineares, com linhas que se aproximam e que se afastam. A partir dos diferentes arranjos entre essas linhas, os sistemas dão margem para distintas compreensões de subjetividade, de poder e de saber emergirem. Nas palavras do referido autor, “os dispositivos têm, então, como componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura que se entrecruzam e se misturam [...] E cada dispositivo é uma multiplicidade na qual esses processos operam em devir” (Deleuze, 1990, p. 167).

---

<sup>5</sup> Contudo, ainda que o desejo do neurótico não esteja preso na posição de ser o falo para o Outro, ele ainda se vê aprisionado, em partes, ao desejo do Outro, pois seu desejo comporta uma marca da alienatória (Lacan, 1992).

Assim, ao intitular o Canto do Brincar como um dispositivo, entende-se que ele possui uma compreensão particular de subjetividade (enquanto sujeito do desejo), bem como molda diferentes relações de poder (não hierárquicas e não dogmáticas) e de saber (pois o técnico<sup>6</sup> sustenta o lugar de suposto saber<sup>7</sup> e a criança age como ator da produção da verdade a partir de um saber que, à primeira vista, não sabe ter ou não se autoriza dele). Explicar-se-á em maiores detalhes cada um destes pontos no decorrer do artigo. Por ora, busca-se defender que, por ter uma visão de sujeito diferenciada, por moldar relações específicas de poder e saber, o Canto do Brincar diferencia-se da proposta de uma brinquedoteca ou de qualquer outro lugar, e essa diferença é sustentada por um fio tênue: um dispositivo que requer o tempo todo uma vigilância à coerência teórica, técnica e ética com os seus preceitos.

Cabe destacar que, usualmente, quando se pensa em dispositivo psicanalítico, essa categoria logo remete à clínica no consultório. Contudo, ele, por si só, está para além disso, pois relaciona-se com a presença do discurso analítico e seus efeitos em qualquer espaço, porque é caracterizado enquanto um modo “[...] de fazer ver e fazer falar” (Deleuze, 1990, p. 155). No caso do dispositivo analítico, em uma visão lacaniana, evidencia-se um discurso de analista, que, ao não trazer respostas prontas ou verdades e agir como causa de desejo, tem como efeito afastar do assujeitamento cotidiano, produzindo um sujeito afetado, provocando seu desejo de saber e possibilitando que ele manifeste sua singularidade. Tudo isso ocorre a partir da transferência<sup>8</sup> e de seu manejo a partir do saber-fazer<sup>9</sup> do analista (Lacan, 1992a), seja realizado no consultório, seja em outras modalidades de atendimento psicanalítico. Assim, o que distancia a clínica de outras modalidades é o seu objetivo: enquanto a clínica psicanalítica almeja uma reorganização subjetiva, essas outras modalidades possuem suas propostas particulares.

Qual seria, então, o objetivo do Canto do Brincar? Para se pensar acerca disso, é preciso recorrer ao dispositivo criado, em 1979, por Françoise Dolto e que inspirou a

---

<sup>6</sup> Intitulamos como técnico todo profissional, formado ou em formação, que acompanha as crianças no Canto do Brincar naquele dia e turno. O técnico não é um analista, posto que se entende que ali não é um *setting* clínico, mas a postura dele deve ser semelhante à de um analista, de modo a não trazer verdades prontas e a poder sustentar a emergência do saber de cada sujeito que ali circula. Discutir-se-á melhor essa atuação ao se explicar os eixos interventivos que orientam tal atuação.

<sup>7</sup> A noção de suposto saber é trazida por Lacan (1967-1968) no momento em que o psicanalista francês destaca que, quando a transferência (ver nota de rodapé 5 para definição deste conceito) é instaurada, o paciente reporta-se ao analista como sujeito suposto saber, ou seja, como se este profissional soubesse a sua verdade ou tivesse um saber sobre si, que será fornecido. Lacan, em face a isto, destaca o final de análise que, portanto, só pode ser pensado quando o analista cai deste lugar, sendo reduzido ao objeto a (ver nota de rodapé 7 para definição deste conceito).

<sup>8</sup> Definido por Chemama e Vanderersch (2007) como “vínculo que se instaura de forma automática e atual, entre o paciente e seu analista, atualizando os significantes que sustentaram seus pedidos de amor na infância” (p. 376-377).

<sup>9</sup> É uma tradução para o termo francês “*savoir-faire*”. Com esta noção Lacan (1992a) refere-se ao saber fazer com o sintoma, ou seja, saber lidar com ele, manipulá-lo com tato.

construção do Canto: a *Maison Verte*. Dolto (2005a) inscreve a *Maison Verte* enquanto um espaço preventivo das perturbações psicossociais que poderiam vir a emergir com a transição abrupta à creche, aos berçários ou à escola maternal. Para a psicanalista, tudo aquilo que não é simbolizado (perguntas mudas, mensagens não codificadas, mal-entendidos etc.) gera sofrimento psíquico. Assim sendo, a *Maison Verte* é um espaço de lazer e de encontros – com outras pessoas, com desejos, faltas, etc. –, em que as crianças são tratadas como sujeitos, e, portanto, fala-se com elas sobre tudo aquilo que lhes interessa, “[...] ancorado no fato de que tudo é linguagem a ser decodificada” (p. 356). Logo, é um espaço preventivo, para que não haja grandes sofrimentos psíquicos, seja devido à transição escolar, seja por dificuldades de comunicação na relação cuidador-criança.

O Canto do Brincar, contudo, não é a primeira adaptação brasileira deste dispositivo, pois existe também a Casa da Árvore. Ela é uma organização não governamental que se dedica à intervenção social em comunidades do Rio de Janeiro, fundada no ano de 2001. A proposta deste espaço pode ser definida em termos bem simples: prover um lugar para as crianças conversarem e brincarem. Assim, a escuta e intervenção nesse espaço é focada nas crianças (visto que essas raramente estão acompanhadas de pais ou responsáveis, mas sim, usualmente, de seus irmãos) e objetiva tratar de questões que surjam na convivência naquele ambiente (ex: palavras, conflitos e brincadeiras) (Milman; Bezerra Junior., 2008). A Casa da Árvore é considerada como um espaço para brincar e conversar, cujos usuários frequentam com a assiduidade que desejam, chegando e saindo quando lhes convém.

Quais as diferenças e aproximações entre o Canto do Brincar e a Casa da Árvore? Ou até mesmo da *Maison Verte*? Por mais que essas sejam questões que o leitor pode estar se perguntando, adverte-se que não serão exploradas no presente trabalho. Por ora, pode-se elucidar que as realidades e funções são diferentes, uma vez que a Casa da Árvore buscou dar à comunidade do Rio um espaço para as crianças brincarem. Já o Canto do Brincar busca, para além disso, trabalhar também a relação dos cuidadores com as crianças. Essas aproximações e distanciamentos serão desenvolvidos em um outro artigo. Aqui, busca-se fazer algo anterior e fundamental: apresentar o Canto do Brincar para o leitor, reportando o que tem sido construído nesse espaço e os eixos que orientam este dispositivo. Acredita-se que, embora diálogos entre os diferentes dispositivos sejam frutíferos e importantes para se pensar a clínica psicanalítica ampliada, não se pode tecer relações entre esses dispositivos sem que essa nova modalidade, o Canto do Brincar, esteja devidamente apresentada para a comunidade. Somente após isso pode-se, então, construir interlocuções mais consistentes.

Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo caracterizar o Canto do Brincar ao apresentar os eixos ético-teóricos que orientam este dispositivo, destacando suas funcionalidades. Para tanto, explicou-se por que, para quem e para que nasce o Canto do Brincar, bem como sua localização e suas características físicas, suas regras, práticas e público (usuários do serviço). Por fim, arremata-se essa discussão construindo reflexões sobre as limitações e os avanços deste dispositivo enquanto uma modalidade de atendimento da perspectiva analítica.

## **Caracterizando o Canto do Brincar: o que é, para quê e para quem?**

A clínica com crianças e adolescentes, bem como a prática clínica em Psicologia como um todo, desde os anos 1980, deixou de integrar apenas o âmbito privado da prestação de serviços em Psicologia e começou a integrar o cenário da Saúde Pública, no contexto da Reforma Sanitária e dos Programas de Saúde Mental no decorrer dos anos. A saúde no Brasil, a partir daquele momento, já começava a absorver a concepção de integralidade, a partir da qual o ser humano não é visto apenas em seus aspectos físicos, mas também psíquicos, educacionais, sociais e econômicos (Brasil, 2010).

Avanços nessa direção da integralidade foram vistos quando o Ministério da Previdência e Assistência Social, com o Programa Sentinela<sup>10</sup>, a partir da Portaria nº 878, de 2001, propôs a operacionalização de Centros de Referências, dentre os quais o Centro de Referência para o Cuidado de Crianças e Adolescentes e suas Famílias (CERCCA) para atender às demandas de crianças e adolescentes que passaram por situações de violência. Assim sendo, o CERCCA é um dispositivo porta de entrada, ou seja, os usuários podem chegar ao serviço tanto por demanda espontânea, como por encaminhamentos de outros dispositivos integrantes do Sistema de Garantia de Direitos ou por outros serviços de saúde (Brasil, 2013). Esse Centro de Referência oferece serviços de atendimento psicológico, social e médico a partir de uma metodologia específica, elaborada pelo Ministério da Saúde, para este público, com a Linha de Cuidado para a Atenção Integral à Saúde de Crianças, Adolescentes e suas Famílias em Situação de Violências.

Como descrito em seu Projeto (Brasil, 2013), o CERCCA é um “[...] espaço de escuta para que crianças, adolescentes e suas famílias possam elaborar e superar momentos de

---

<sup>10</sup> O Programa Sentinela, criado pelo Governo Federal, destinado a atender crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, foi idealizado dentro de uma concepção de gestão intersetorial e sua operacionalização foi proposta através da implantação de Serviços e/ou Centros de Referência. Fonte: Portaria nº 878, de 03 de dezembro de 2001.

confusão e sofrimento gerados pela violência” (p. 5). Acerca de sua localização, o referido espaço faz parte da organização e estrutura da Policlínica Lessa de Andrade, órgão vinculado à Secretaria de Saúde da Prefeitura da cidade do Recife, em Pernambuco. Assim sendo, embora o Canto do Brincar situe-se em um espaço voltado ao cuidado em face a situações de violência, é um dispositivo disponível para toda policlínica e região, acolhendo, portanto, qualquer público. Mas como ocorre esse acesso?

O Canto do Brincar é um dispositivo que busca fomentar relações entre a criança e seus responsáveis. Durante todo momento em que estão no Canto, a criança e seus responsáveis estarão acompanhados por alguém da equipe do CERCCA, e essa pessoa é chamada de técnico. A presença deste terceiro na relação responsável-criança dá-se como uma forma de aproximar aquela família, a partir de intervenções embasadas no discurso analítico. Mais à frente, serão explicados com mais detalhes os eixos éticos-teóricos que orientam tal atuação. Por ora, pode-se destacar que, em linhas gerais, busca-se que a criança seja reconhecida no lugar de sujeito do desejo, para que a brincadeira seja vislumbrada como uma possibilidade de fala e para que o responsável e a criança não tenham grandes dificuldades de comunicação entre si.

Acerca da relação técnicos-família, deve-se salientar que a presença desse profissional se faz imprescindível nos passos iniciais daquela família ao frequentar o Canto do Brincar, mas não mais obrigatória quando esta família já está inserida no discurso analítico. Entende-se que, assim como o analista cai enquanto representante do objeto  $a^{11}$  no fim da análise (Lacan, 1967-1968), o mesmo ocorre com o lugar do técnico: de início, ele é necessário como catalisador (um elemento que não é obrigatório para uma reação ocorrer, mas que facilita essa operação, acelerando-a) deste processo, mas ao fim, deve ocupar o lugar de dispensável. Cabe evidenciar que o processo supracitado ocorre não só com o técnico, mas também com o próprio espaço. A proposta é que aquela família passe a não mais necessitar daquele local, pois passa a conseguir relacionar-se com a criança enquanto sujeito do desejo, brincar e falar com ela independentemente de onde estejam. Isso é o que de fato o Canto do Brincar almeja produzir como efeito. Isto é, embora sua atuação aconteça naquele espaço, seus efeitos vão para além dele.

---

<sup>11</sup> Definido por Chemama e Vandermersch (2007) como um objeto que não é do mundo, e, portanto, não representável enquanto tal. Ele é criado na margem da demanda, marcando o para além da necessidade e que nada pode satisfazer.

Em termos psicanalíticos, pode-se lançar a metáfora desse espaço como um objeto transicional<sup>12</sup> (Winnicott, 1978), ou seja, algo que auxilia no processo de uma elaboração psíquica até que esta seja finalizada. Cabe destacar que se utilizará deste conceito (de objeto transicional) tão somente enquanto uma metáfora, uma vez que, de fato, o Canto do Brincar, não se trata de um espaço transicional, mas sim de um dispositivo de intervenção. Assim, não se faz aqui um uso literal. Mas o que é o objeto transicional?

O objeto transicional é utilizado na psicanálise para falar de como a criança processa a separação do eu versus o não-eu (ou seja, das outras pessoas). Ele geralmente é um objeto físico (tal como um brinquedo, um paninho, etc.), mas não se limita a algo físico, material, pois, em sua essência, é concebido como uma zona psíquica de elaboração (da separação). Desse modo, este objeto somente é necessário nos primeiros momentos, pois sua função é conferir um suporte maior àquela elaboração. Quando a elaboração ocorre, ele não é mais necessário, pois apenas a zona mental é suficiente para a manutenção daquele aspecto psíquico – que agora já está elaborado, inscrito. A título de exemplificação, podemos pensar em como, para lidar com a ausência do outro, a criança pode usar um paninho ou um brinquedo como uma forma psíquica de presentificar materialmente – no objeto – alguém que está ausente fisicamente. A presença deste objeto físico vai auxiliando-a a ajudar a ausência deste ente querido, até que ela não precise mais do objeto para suportar os momentos de ausência, pois consegue lidar com isto de forma predominantemente psíquica.

Uma vez caracterizado o que é o objeto transicional, voltar-se-á a nossa analogia. Poder-se-ia dizer que o Canto do Brincar, enquanto um espaço físico, funcionaria tal como a função dos objetos transicionais no início de uma elaboração: conferir um suporte material para uma operação psíquica. Assim, tal como um brinquedo ou paninho (enquanto objetos transicionais) ajudam na elaboração da separação, o Canto do Brincar seria – pelo menos no início do processo de contato e participação das pessoas com este dispositivo – esse objeto físico que lembraria e marcaria a importância do brincar, da criança enquanto sujeito, da comunicação com a criança e vários outros aspectos para esses novos usuários. Ao estar neste espaço, todos esses novos elementos iriam se inscrevendo na dinâmica cuidador-criança. Com isto, espera-se que – com a frequência de circulação naquele espaço e com as intervenções ali realizadas – todos esses elementos<sup>13</sup> sejam internalizados e as famílias que

---

<sup>12</sup> É um mecanismo, proposto por Donald Winnicott (1978), que a criança utiliza para enfrentar a angústia de separação, ao criar uma zona intermediária que não é nem interna e nem externa, e que lhe auxilia na separação entre o eu e não-eu.

<sup>13</sup> Elementos como a aposta na criança enquanto sujeito de desejo, enquanto alguém que utiliza o brincar como expressão e que consegue comunicar seus sentimentos, sensações, etc. Ademais, ainda outros elementos serão trabalhados neste espaço, os quais serão enumerados no tópico a seguir, dos eixos fundamentais das intervenções realizadas no Canto do Brincar.

frequentam possam sustentar todas essas elaborações para além do espaço do Canto do Brincar. Isso faria com que elas não necessitassem de estar, obrigatoriamente, naquele lugar para que estes discursos – a saber, da criança como sujeito de desejo e do brincar como uma expressão simbólica fundamental – circulassem em suas dinâmicas. Essas famílias poderiam continuar frequentando o Canto do Brincar caso desejassem, porém, entende-se que elas não precisam, obrigatoriamente, estar ali. Uma vez que famílias assim deixam de frequentar o dispositivo, entende-se isso não como um “abandono”, mas como uma alta. Isto difere de casos em que os pais e seus filhos deixam de ir quando ainda há muito a ser elaborado por eles e/ou pelas crianças – inclusive, quando ocorre algo deste tipo, os técnicos sempre tentam entrar em contato com a família, convidando-os a retomarem ao espaço e a frequentá-lo. Assim, o tempo que cada família passa convivendo neste espaço é singular, tal como o tempo que dura a análise pessoal de cada um.

Ainda com base nesta analogia entre a função do objeto transicional e o Canto do Brincar, cabe fazer uma ressalva de que enquanto o objeto transicional é um objeto de uso apenas para a criança, no caso do Canto do Brincar, esse espaço não só produz efeitos nas crianças, como também em seus cuidadores. Ou melhor, gera impactos principalmente em seus cuidadores. Assim, esta não é uma analogia perfeita. Lançou-se mão disto apenas como um recurso metafórico para enfatizarmos que o Canto do Brincar busca produzir efeitos psíquicos duradouros e que o tempo para isto não está determinado cronologicamente. De toda maneira, sabe-se que as crianças e suas famílias não precisam frequentar este espaço para sempre, ele é algo temporário, mas sua função é de produzir efeitos psíquicos que não só perdurarão, como também serão levados para além daquele espaço físico. Mas como tudo isso é feito?

Para que esse trabalho seja realizado junto às famílias, a equipe de técnicos do Canto do Brincar funciona nos moldes de uma prática entre vários (Miller, 1997 citado por Abreu, 2008), na qual a equipe aposta no sujeito e em sua capacidade de produção de discurso, buscando colaborar nessa direção. Essa condução é feita a partir de quatro principais eixos: *não-especialização, formação, transmissão e invenção* (Abreu, 2008).

A *não-especialização* propõe que o lugar de condução não seja estabelecido por seu diploma universitário, mas considerando o seu lugar na dinâmica transferencial. Desse modo, não se fala de um lugar de psicólogo, de assistente social ou de médico, mas a partir de uma base teórica e ética partilhada entre os profissionais, a qual é desenvolvida no eixo da formação. Assim, a *formação* é necessária para que haja uma ética comum que oriente a prática institucional. Aqui toma-se a psicanálise como norte, pois acredita-se que ela possibilita,

através da posição de suposto saber, que o sujeito do inconsciente produza seu próprio saber pela via da transferência. O eixo da *transmissão*, por sua vez, propõe a necessidade de uma reunião clínica da equipe como um processo de construção dos casos a partir da circulação da palavra e, portanto, é uma construção coletiva. Nesse espaço, geralmente ocorrem discussões coletivas (uma espécie de intercontrole) sobre experiências que os técnicos acharem importantes trazer para o grupo. Por fim, o eixo da *invenção* versa que não só a equipe tem que ser inventiva em relação ao manejo dos aspectos transferenciais e interventivos, como também que a equipe deve possibilitar e fomentar invenções dos sujeitos (das crianças e famílias usuárias do serviço) sobre si mesmos (Abreu, 2008).

Esses eixos dão base para a “formação” de um técnico do Canto do Brincar. Isso porque, como foi destacado, este não é um espaço físico, mas um dispositivo que somente existe através dos discursos e ações dos técnicos que ali atuam e fazem a manutenção dele. Deste modo, para garantir o funcionamento deste dispositivo, não só a existência deste espaço é suficiente, mas também é necessário o trabalho contínuo de toda a equipe, pois é ela que é verdadeiramente responsável pela presença do discurso analítico e, portanto, da real conjuntura deste espaço enquanto um dispositivo.

Além da presença de pelo menos um técnico, há três outras regras fundamentais para brincar no Canto: estar acompanhado de um responsável, tirar os sapatos para brincar no tapete de borracha e frequentar o espaço no devido horário, uma vez que as atividades do Canto do Brincar funcionam de segunda a quinta, das 8h às 17h e às sextas, das 8h às 12h. Nesse cenário, a primeira regra diz respeito à preocupação da equipe em querer observar a relação dos cuidadores com suas crianças e, caso necessário, realizar intervenções no sentido de os implicar no cuidado delas (será explicado um pouco mais sobre a importância dessa relação e intervenções neste âmbito no próximo tópico). A segunda regra – a saber, a de retirar os sapatos – foi criada devido a um cuidado com o espaço e a manutenção de sua higiene. Por fim, respeitar o horário de funcionamento não só ocorre devido ao expediente da policlínica, como também à importância analítica de traçar limites, posto que estes são organizadores para os sujeitos (isto também será elucidado minuciosamente mais à frente).

Por ser um serviço porta de entrada, o público que frequenta o Canto do Brincar são todas as crianças e suas famílias que chegam ao CERCCA, independentemente de sua origem. Algumas famílias advêm do atendimento ambulatorial deste centro de referência, enquanto outras conheceram o espaço por frequentarem a policlínica ou por serem da região. Há até mesmo crianças que já haviam recebido alta do atendimento ambulatorial e, mesmo

assim, continuavam frequentando o Canto do Brincar. Logo, o público é diverso, mas trata-se, fundamentalmente, de crianças, embora o espaço esteja também aberto a adolescentes.

Para a organização, há um registro de dados básicos daqueles que frequentam o espaço (nome, idade, código do cartão do SUS, etc.). Acerca do vínculo com o espaço, compreende-se que é o desejo de estar ali que garante a presença daquela família no Canto do Brincar. Assim, a frequência e o tempo de permanência nas atividades do Canto dão-se de forma livre: as famílias podem agendar um dia e horário na semana para brincar ou apenas aparecer, como uma demanda espontânea. Ademais, o tempo de permanência também é determinado pela família, contanto que respeitem os limites de horário do serviço. Compreende-se que a vinculação ao espaço pode ser incentivada pela equipe, a partir da construção coletiva nas reuniões, e do quanto se entende que aquela família ainda pode se beneficiar com as intervenções que o Canto do Brincar produz. Quando se percebe que os efeitos do discurso analítico já circulam pela relação criança-cuidador, não há uma grande preocupação da equipe quando aquela família reduz sua frequência ou até mesmo deixa de frequentar o espaço.

## **O Canto do Brincar como um dispositivo de intervenção analítica: eixos fundamentais**

Finalizada nossas explicações sobre o que é o Canto do Brincar, para que ele se presta e para quem ele está aberto, passar-se-á a explorar *como* esse dispositivo funciona, ou seja, serão destacados aqui os principais nortes teóricos e éticos através dos quais os técnicos atuam.

Quando se fala de intervenção em psicanálise, não existem formas de premeditá-las, ainda que se saiba o que elas objetivam. Freud (1913), certa vez, comparou o tratamento analítico a um jogo de xadrez: o analista sabe por onde começar e terminar a sessão, mas não conhece como será o trajeto. Assim, ainda que a clínica seja um dispositivo com um objetivo pré-estabelecido, o percurso do processo de análise dependerá das expressões psíquicas do sujeito e de como o analista irá manejar isso trabalhando na transferência (Freud, 1916) a partir de seu saber-fazer (Lacan, 1992a). Deste modo, mesmo que se destaque aqui o que se chama de “eixos interventivos”, compreende-se que é impossível precisar exatamente como essas intervenções devem ser feitas.

Com isso em mente, serão destacados os seis eixos fundamentais que, no momento, orientam a atuação no Canto do Brincar: 1) a criança enquanto sujeito do desejo, 2) a comunicação com a criança; 3) o brincar enquanto fala; 4) o vínculo familiar; 5) a socialização da criança; e 6) os limites.

### 1) A criança enquanto sujeito do desejo

Falar da **criança enquanto sujeito do desejo** é conferir um outro lugar ao seu saber. Aposta-se que ela possui um saber sobre seu desejo, mas que, facilmente, aliena-se ao desejo do Outro, conduzindo a uma afânise ou, até mesmo, mortificação desse sujeito (Lacan, 1992a). Embora essa dificuldade esteja presente em neuróticos de toda e qualquer faixa etária, na infância essa alienação é reforçada por compreensões errôneas de que, por não ter tantos anos de idade, experiência, ou até mesmo pela necessidade de tutela, ela não pode dizer sobre si ou sobre o que deseja (Ariès, 2006). A psicanálise, contudo, confia na capacidade da criança de conhecer sua história e tornar-se um desejante autônomo, movimento este que somente ocorre quando ela consegue se desapreisionar do desejo materno (Dolto 2002; 2005b; 2012).

Deste modo, para a criança de fato advir, enquanto sujeito de desejo, é necessário que ela deixe de ocupar o lugar de falo para seu(s) cuidador(es). Ou seja, é fundamental que a criança saia desse local mortífero de objeto para que consiga estar no lugar de sujeito desejante (Lacan, 1992<sup>a</sup>; 1992b; 1998d). Para que isso ocorra, é necessário haver uma barra no modo de gozar da criança e do cuidador – que goza ao colocá-la no lugar fálico –, fazendo ambos se submeterem a uma lei para todos (Dolto 2002; 2005b; 2012; Lacan, 1992). Ou seja, ninguém está acima da lei, nem mesmo o cuidador primordial.

### 2) A comunicação com a criança

Quando o cuidador deixa de fazer a criança ocupar o lugar de objeto e passa a permiti-la ser sujeito, isso acaba implicando em nosso segundo eixo: a **comunicação**. O cuidador não mais fala pela criança, mas sim para a criança e com a criança, pois aposta também em seu saber (Lacan, 1992a). Quando isso ainda não ocorre, percebe-se que muitos responsáveis apresentam dificuldades de se comunicar com suas crianças ou até mesmo de auxiliá-las ou incentivá-las a se comunicar com outras pessoas. Possibilitar que o adulto se comunique melhor com a criança e que a criança também se comunique melhor é um dos eixos interventivos do CERCCA, pois, assim como a psicanalista Françoise Dolto destaca, compreende-se que é a partir da comunicação que o ser humano se subjetiva e, ao haver

dificuldades na comunicação, haverá também dificuldades no desenvolvimento infantil (Dolto 2002; 2005b; 2012).

### 3) O brincar enquanto fala

Temos o *brincar enquanto fala* como um dos eixos interventivos, pois escutar os diferentes modos de fala, de uma forma não diretiva, é uma das orientações do Canto do Brincar. Destaca-se o não diretivo, pois a ideia é que a atuação do técnico seja orientada da mesma forma que a do analista pela livre associação (Freud, 1916), ou seja, que ele possibilite a criança e sua família se expressarem livremente por meio de palavras, brincadeiras, desenhos, etc. O brincar, então, não é reduzido a um brincar educativo e nem a um brincar racionalizado, moldado pelas regras sociais ou expectativas parentais. Ainda, busca-se não só escutar essa criança, como também possibilitar que seu(s) cuidador(es) também a escute(m), passando a se implicar no cuidado com sua criança e a perceber a importância de sua presença no brincar, deixando de se colocar apenas na posição de espectador ou ausente. Assim sendo, tanto os técnicos costumam convidar o cuidador para brincar junto quanto incentivam os pedidos das crianças para que seu cuidador venha brincar. Ao fazer isso, convida-se o adulto a investir na relação com a criança e a perceber o lugar importante que o brincar ocupa na relação dele com seu filho.

### 4) O vínculo familiar

Outro aspecto evidenciado pelas relações transferenciais que se dão no Canto do Brincar é o *vínculo familiar*, visto que é na família, seja ela em qual formato ou configuração for, que se constituem as primeiras relações (Lacan, 1985; 2005). Acredita-se que esse investimento nas crianças, por parte dos seus responsáveis, é necessário. Desse modo, busca-se promover isso no Canto do Brincar ao se colocar como uma das regras gerais do espaço que a criança esteja acompanhada. No entanto, a presença física de alguém a acompanhando não garante uma implicação em seus cuidados. Assim sendo, um dos aspectos que se busca observar é como está o vínculo entre esse cuidador e a criança, e, quando fragilizado ou inexistente, busca-se incentivar o investimento nele.

### 5) A socialização da criança

Um outro ponto que faz parte da prática no Canto do Brincar é observar os aspectos transferenciais referentes à *socialização da criança*. Alguns cuidadores trazem como queixa a dificuldade das crianças em lidar com outras pessoas, em dividir brinquedos ou até mesmo

em entender o outro enquanto sujeito, ou seja, como alguém que também tem desejos e afetos. Em face a isso, o Canto do Brincar – por ser um espaço coletivo – acaba confrontando os cuidadores e as crianças com essas questões e faz com que se circule os desejos, frustrações e possibilidades que emergem desses encontros.

Em relação aos encontros entre técnicos, crianças e os cuidadores que visitam o serviço, ressalta-se que estes são sempre repletos de novidade, pois há brincadeiras novas, famílias diferentes ou até mesmo outros técnicos presentes naquele dia. Embora seja possível haver um “novo” profissional, a atuação é semelhante: busca-se – pelo menos em referência à atuação voltada para esse eixo – trabalhar as dificuldades que os cuidadores podem ter em possibilitar ou incentivar a socialização das crianças, bem como intervir diante dos obstáculos que as crianças podem ter para socializar com outras pessoas.

#### 6) Os limites

O último eixo refere-se à questão dos *limites*. Quando se fala de tópicos como a importância de ver a criança como sujeito do desejo, fala-se, indiretamente, de limites. Entende-se que as regras do Canto do Brincar, para além de suas necessidades práticas (como higiene ou respeito ao horário de funcionamento de um serviço público), colocam-se como uma possibilidade de se vislumbrar como os cuidadores e as crianças lidam com a lei a nível simbólico e, portanto, dizem da vivência de seus complexos de castração (Lacan, 2003).

Por fim, cabe destacar que os eixos acima mencionados são pontos que a equipe, até então, percebeu como centrais, seja devido à proposta pensada para esse dispositivo ou até mesmo pelas questões recorrentes que emergiram durante as reuniões de trocas sobre os casos. Nessa perspectiva, não se descarta a possibilidade de que, com as experiências que advirão no Canto do Brincar, novos eixos podem ser pensados. Ainda, deve-se elucidar que nem todos os eixos interventivos são trabalhados com uma mesma família, pois isso é algo que é sentido a partir da relação transferencial entre o técnico e os usuários do espaço e, portanto, pensado no um a um. Afinal, deve-se lembrar que a(s) proposta(s) interventiva(s) construída(s) responde(m) à dinâmica inconsciente e transferencial daquela família, e não ao que a teoria versa ou ao que o(s) técnico(s) deseja(m). O único desejo do técnico deve ser o de facilitar aquele processo, assim como o desejo do analista é o de fazer ocorrer a análise (Lacan, 1997).

### À guisa de conclusão

Viu-se que o Canto do Brincar, à primeira vista, assemelha-se a uma brinquedoteca, mas, em uma análise mais acurada, evidenciou-se seu caráter distinto: é um dispositivo que transforma o lugar da brincadeira em um espaço de escuta e de produção da verdade da criança enquanto sujeito. Ainda, esses efeitos são levados para além do espaço físico do Canto do Brincar. Deste modo, o lugar da brincadeira tem função de fala, sendo uma via de possibilidades pela qual as fantasias inconscientes infantis se expressam, seja na brincadeira sozinha, seja com outras crianças, com os cuidadores e/ou com os técnicos. Pelo brincar, as crianças (re)criam suas fantasias, angústias e desejos, portanto, deve-se conferir importância àquilo que as crianças buscam comunicar ao brincar.

A experiência no Canto do Brincar, enquanto lugar de escuta através das brincadeiras, convida a considerar a radicalidade da palavra da criança. Quando se permite que a criança brinque, permite-se que ela fale; e, ao incentivar os cuidadores a se engajarem nas brincadeiras dela, faz-se com que o responsável possa ouvir a criança dentro da linguagem que ela fala. Esse movimento permite que a fala da criança seja considerada e, portanto, coloca-a no lugar de sujeito. Assim, o lugar do técnico, nesse espaço, tanto é de possibilitar a criança a falar sobre si, construir sobre si, quanto de fazer seus cuidadores também reconhecerem a criança enquanto um sujeito que fala por si e de si a partir de diferentes formas (que não só a verbal). Ao apostar na criança e em todas suas expressões, o técnico convida esse cuidador a também posicionar-se dessa forma. Essa mudança psíquica produz novas organizações na relação responsável-criança que começam ali no Canto do Brincar, mas que devem ser levadas para além dele.

Nesta experiência, o Canto do Brincar é dispositivo que possibilita às crianças elaborarem sobre seus desejos, convidando-as a confrontarem-se com o desejo do outro que ali circula, a lidarem com as regras que ali existem, ou com as que são criadas nas dinâmicas próprias daqueles encontros, e, assim, a depararem-se, a nível psíquico inconsciente, com a experiência de castração. Mesmo diante de limitações – como a estrutura física (relativamente pequena) do local – ou de, em alguns momentos, os técnicos depararem-se com dificuldades para vivenciar brincadeiras – seja por uma superlotação, seja pela inibição dos pais em participar das dinâmicas que surgirem, ou por fatores outros –, o Canto do Brincar mostra ser um lugar de contínua expressão de subjetividade.

Como se percebe, o Canto do Brincar mostra a possibilidade de se vivenciar uma clínica psicanalítica ampliada, na qual não apenas uma criança é escutada, mas várias, bem como suas famílias. Ou seja, caracteriza-se como um processo no qual muitas vozes são ouvidas, e onde famílias, em conjunto, implicam-se nos cuidados com as suas crianças. Esse

dispositivo, então, complementa a prática psicanalítica clássica com crianças – que se propõe, em um *setting*, a realizar atendimentos com a criança e sua família, ou com cada um destes sujeitos individualmente, a depender do momento e também da vertente psicanalítica seguida pelo analista (Volnovich, 1991; Costa, 2010).

Em face a isso, percebe-se que tal modelo de dispositivo é extremamente necessário e útil no atendimento infantil, seja em contextos de entrada ou saída do ambulatório, seja em situações em que a criança esteja experienciando a separação do seu desejo do desejo dos pais, e, portanto, desenvolvendo sua autonomia. Nesse âmbito, pode-se atuar para incentivar a socialização ou para fortalecer os vínculos entre a criança e seus cuidadores. Assim, a prática com crianças e suas famílias neste dispositivo visa, para além de tudo isso, possibilitar a vivência do investimento neste brincar num contexto que perpassa os limites espaciais do Canto do Brincar.

Por fim, assim como se ponderou em relação ao espaço físico do Canto do Brincar, compreende-se que esse trabalho também possui limitações. Elas deixam espaço para se construir outras publicações no futuro: seja sobre as experiências do Canto do Brincar – e, portanto, trazendo-se trechos clínicos e enlaçando-os com os eixos interventivos aqui presentes (aprofundando-os em mais detalhes) – ou para se traçar paralelos entre o dispositivo do Canto do Brincar e os existentes na literatura psicanalítica (a *Maison Verte* e a Casa da Árvore), bem como produzindo diálogos entre eles e seus enfoques. Por ora, entende-se que o presente artigo teve como foco documentar o nascimento e a consolidação de um dispositivo importantíssimo, do qual o campo das palavras não pode e nem deve dar conta. Com esta caracterização, ao dialogar sobre outras modalidades de dispositivos analíticos, espera-se que se consiga instigar outros espaços a construírem um lugar de circulação de fala e de desejo como o Canto do Brincar.

## REFERÊNCIAS

ABREU, D.N. A prática entre vários: a psicanálise na instituição de saúde mental. *Estud. pesqui. psicol.*, v. 8, n. 1, Rio de Janeiro, abr., 2008.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARROSO, E. Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 36, n. 2, p. 251-263, 2002.

BRASIL. *Lei nº 11.104*, de 21 de março de 2005. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico

em regime de internação. Brasília, DF, 2005. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/lei/L11104.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20obrigatoriedade%20de,pedi%C3%A1trico%20em%20regime%20de%20interna%C3%A7%C3%A3o.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/L11104.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20obrigatoriedade%20de,pedi%C3%A1trico%20em%20regime%20de%20interna%C3%A7%C3%A3o.)  
Acesso em: 10 jan. 2024,

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. *Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violência: orientação para gestores e profissionais de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

PERNAMBUCO (Estado). Secretária da Saúde. *Projeto de implementação do Centro de Referência para o Cuidado de Crianças, Adolescentes e suas Famílias em Situação de violência – CERCCA*. Pernambuco: Secretaria da Saúde, 2013.

COSTA, Telma. *Psicanálise com crianças*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: BALBIER, E.; DELEUZE, G.; DREYFUS, H. L. (org.). *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161.

DOLTO, F. Iremos à 'Maison Verte'. In: *A causa das crianças*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005a. p. 345-384.

DOLTO, F. *A causa das crianças*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005b.

DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

DOLTO, F. *Tudo é Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREUD, S. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In: *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. v. 12, ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1913.

FREUD, S. Terapia analítica (1916). In: *Conferências introdutórias sobre Psicanálise*. v. 16, ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1916.

FRIEDMANN, A. *et al.* *O direito de brincar: a brinquedoteca*. 4. ed. São Paulo: Scritta, 1998.

LACAN, J. *O seminário: livro 19, 2ª parte: o saber do psicanalista (1971-1972)*. Publicação não comercial exclusiva para membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997.

LACAN, J. *O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992a.

LACAN, J. *O seminário: livro 4: a relação de objeto*. Tradução de Jorge B. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992b.

LACAN, J. Os Complexos Familiares na formação do indivíduo. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 29-90.

LACAN, J. *O seminário: livro 15: o ato psicanalítico*. 1967-1968. Inédito.

LACAN, J. *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. *O mito individual do neurótico, ou poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: *Écrits: uma seleção*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 90-99.

LACAN, J. *Seminário 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

LACAN, J. *Seminário 11: os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c.

LACAN, J. *O seminário: livro 5: as formações do inconsciente*. Tradução de Jorge B. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998d.

MAGALHÃES, C.M.C.; PONTES, F.A.R. Criação e manutenção de brinquedotecas: reflexões acerca do desenvolvimento de parcerias. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, p. 235-242, 2002.

MILMAN, L.; BEZERRA JUNIOR, B. *A casa da árvore: uma experiência inovadora na atenção à criança*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

ROSA, M.I.P.D.; ROSA, A.C. A ética na psicanálise. *Akrópolis*, v. 17, n. 1, p. 41-44, 2009.

VOLNOVICH, J. *Lições introdutórias à psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1991.

WINNICOTT, D. Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.